

## Seria eu moderno?: Aspectos da modernidade literária em Lima Barreto e Monteiro Lobato

Guilherme George da Costa Araújo Silva  
Ingrid Fidelis Pereira\*

**Resumo:** O presente ensaio procura evidenciar a modernidade apresentada no conto “Marabá” ([1923] 2014), de Monteiro Lobato, e no conto “Um especialista” (2010), de Lima Barreto. Assim, demonstrar-se-á como as concepções artísticas de ambos os autores podem ser vistas nessas obras, que buscavam concretizar uma reforma na literatura, na medida em que percebiam que as produções literárias realizadas naquele período não dialogavam mais com toda a modernidade cultural e social que podiam ser identificadas em nossa sociedade. Como forma de demonstrar tal modernidade presente nos dois autores, se estabelecerá um paralelo entre a relação do conto “Um especialista” com a modernidade presente em Lima Barreto, através de seus ensaios “O destino da literatura” ([1921] 2017) e o “Prefácio para Histórias e Sonhos” (1920), bem como a relação de “Marabá” ([1923] 2014), de Monteiro Lobato, e a obra do período romântico brasileiro “Marabá” (1851), de Gonçalves Dias, com as características modernas que foram mais tarde desenvolvidas por Oswald de Andrade em seu poema “Oferta” (1970).

**Palavras-chave:** Modernidade; Lima Barreto; Monteiro Lobato; Oswald de Andrade; Um especialista.

**Abstract:** This essay seeks to demonstrate the modernity depicted in the short story “Marabá” ([1923] 2014) by Monteiro Lobato, and in the short story “Um especialista” (2010) by Lima Barreto. Thus, it will be demonstrated how the artistic conceptions of both authors can be perceived in these works, which aimed to accomplish a reform in literature, as they noticed that the literary productions of that period no longer reflected all the cultural and social modernity that could be seen in our society. As a way to demonstrate the modernity aspect in both authors, it will be established a parallel concerning the relationship between the short story “Um especialista” and the modernity in Lima Barreto, through his essays “O destino da literatura” ([1921] 2017) and “Prefácio para Histórias e Sonhos” (1920), as well as Monteiro Lobato's “Marabá” ([1923] 2014) relationship with the literary work of the Brazilian romantic period “Marabá” (1851), by Gonçalves Dias, and the modern characteristics that were later developed by Oswald de Andrade in his poem “Oferta” (1970).

**Keywords:** Modernity; Lima Barreto; Monteiro Lobato; Oswald de Andrade; Um especialista.

---

\*Graduandos em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ensaio realizado na disciplina de Literatura brasileira IV: Pré-Modernismo e Modernismo, no curso de Letras – Bacharelado, na Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação do professor Eduardo Melo França, em 2020.

## 1. A modernidade literária em “Marabá”, de Monteiro Lobato

Moderno e irônico, Monteiro Lobato demonstra em diversos ensaios, obras e artigos publicados, a sua insatisfação com a literatura feita no Brasil entre os períodos romântico e pré-moderno. Para o autor, o Romantismo, em nosso país, se revelou como um período em que os autores concretizavam uma idealização da figura do índio, moldando-o como o “bom selvagem”, um personagem que, na prática, não encontrava correspondência. Autores como José de Alencar e Gonçalves Dias conceberam, por um longo período, uma linguagem e temática que eram feitas a partir das concepções estéticas da época. E apresentavam, em suas obras, uma temática semelhante, em que faziam recorrência à figura do índio civilizado, à natureza brasileira e ao amor melancólico – este último concebido pela influência francesa na qual o Romantismo brasileiro se banhou.

À vista disso, Antonio Candido (2000), em seu livro no qual disserta sobre a formação da literatura brasileira, evidencia que os autores do período indianista procuravam trazer a figura do índio de “bom selvagem”, anterior ao contato com o europeu. Foi uma forma de erigir uma identidade nacional, pois a principal preocupação dos intelectuais pertencentes a essa vertente literária, em nosso país, era a de edificar uma literatura que se provasse autêntica e diversa em relação a Portugal, como demonstra o argumento de Candido (2000, p. 11):

[...] a independência desenvolveu nela, no romance e no teatro, o intuito patriótico, ligando-se deste modo os dois períodos [...] na mesma disposição profunda de dotar o Brasil de uma literatura equivalente às europeias, [...] uma “literatura nacional” (CANDIDO, 2000, p. 11).

Os autores buscavam construir a identidade nacional, e foi no nativo que eles enxergaram onde poderia haver a “essência brasileira”. Autores como Gonçalves Dias e José de Alencar desenvolveram em seus percursos literários obras nas quais era palpável o desejo de apresentação de uma cultura brasileira. Aquele partilhava de ideias semelhantes às de Almeida Garrett, o que tornou o indianismo presente em suas obras, com traços românticos de exaltação a sua pátria e críticas fortes aos que buscavam em outros lugares motivos para viver. Alencar, por sua vez, entregou ao seu Romantismo nacionalista, fundiu não apenas o mito das três raças, como é possível vislumbrar em seu livro *O Guarani* ([1857] 1996), apresentando a miscigenação de nossa sociedade, como também insuflou, por meio da temática indianista, a tentativa de uma apresentação do que viriam a ser as raízes da literatura nacional.

Ao perceber a estagnação dos temas e formas tratados em nossa literatura nesse período, Lobato exprime em “Marabá” ([1923] 2014, p. 522) – conto pertencente ao livro *O*

*macaco que se fez homem* – que a literatura indianista “era coisa de aviar com receitas à vista, qual faz o honesto boticário com os seus xaropes”, em que se viam muitas vezes obras com temas e formas semelhantes, apresentando o índio como herói dotado de um caráter civilizado. Tudo isso, segundo o autor, já não dialogava com a nossa sociedade moderna, que era automobilística e cinematográfica, como podia ser percebido na atualidade. Sob essa perspectiva, ao decorrer de todo o conto, Lobato realiza uma sátira pelo viés da ironia, na qual o autor, através da metalinguagem, idealiza aqui o nativo de forma semelhante, uma figura bem estereotipada aos moldes românticos indianistas, em que ele faz referência a diversos elementos da cultura indígena: o dialeto, as paisagens, os personagens, e o enredo, em certa medida.

Dos autores indianistas aos quais Lobato se refere em seu conto, uma das principais correspondências em que podemos encontrar a temática do índio civilizado e romantizado pode ser visto no poema de Dias, “Marabá” (1851). No poema, o autor apresenta a personagem de mesmo nome, fruto da relação entre o homem branco europeu e a indígena Iná. No conto, Marabá, também fruto dessa miscigenação com esse mesmo “inimigo da aldeia”, sofre em um ermo absoluto, pois nenhum dos guerreiros de sua tribo querem-na, justamente pelos seus traços miscigenados. Assim, no texto, é perceptível um reflexo do que se pretendia, uma vez que Dias (1851) não busca aquele índio “corrompido” através do contato com o europeu, mas uma figura pura e inocente.

Lobato usa a relação ficcional em seu conto para apontar como índice moderno a ambientação nacional embebida na assimilação antropofágica, ao passo que estabelece sua relação com o leitor por meio de expressões cotidianas de seu tempo, como pode-se notar no excerto abaixo (LOBATO, [1923] 2014, p. 528):

E os dias de Marabá são assim um delírio de luz, de perfumes, de movimentos sadios e livres, capaz de enlouquecer a imaginação dos pobres seres chamados homens, que vivem em prisões chamadas cidades, dentro de gaiolas chamadas casas, com poeira para os pulmões em vez de ar, catinga de gasolina em vez de vida... (LOBATO, [1923] 2014, p. 528).

Ao fazê-lo, o autor estabelece uma quebra, pois sua reafirmação ficcional evidencia não apenas a disparidade e sátira ao poema de Dias (1851), mas aponta a inovação do seu próprio tempo e daquele que está por vir.

Em ambos os Marabás, apresenta-se a temática indianista do “bom selvagem”, o amor melancólico e a natureza exuberante. As personagens sofrem preconceito por parte de suas tribos devido à sua etnia mestiça, em que, como foi percebido no poema de Dias (1851), nenhum dos guerreiros da tribo quer se relacionar com Marabá, e no conto de Lobato, ela é renegada pelos membros de sua aldeia e, até em certa medida, sua própria família, que tenta matá-la quando ainda era uma criança (LOBATO, [1923] 2014, p. 525):

E um vago terror espalha-se pela tribo. O pajé reúne em concílio os velhos para decidirem sobre o gravíssimo caso. E após longas ponderações a assembleia resolve o sacrifício da pequena marabá, em holocausto aos manes irritados da tribo. Levam a sentença ao cacique, que é pai, mas que antes de pai é o chefe, o inexorável guardião da Lei [...] (LOBATO, [1923] 2014, p. 525).

A diferença, entretanto, se mostra na forma de escrita, pois o conto lobatiano imprime um novo formato ao enredo do texto, que vai de encontro às literaturas tradicionais, visto que buscava evidenciar, no corpo literário, as transformações sociais da época. O autor faz diversas referências ao cinema e traz elementos da modernidade para compor a antropofágica obra ao construir o enredo do conto de forma “enxuta”, moldando-o de acordo com as necessidades do novo tempo. Essas clamavam por uma praticidade que, segundo Lobato ([1923] 2014), os enredos indianistas não apresentavam por serem demasiado longos, maçando o pobre do leitor.

Nessa acepção, Lobato ([1923] 2014) divide a obra entre *quadros* e *letreiros*, mediante os quais almeja que o leitor realize uma leitura rápida, o que, para ele, correspondia aos novos tempos. O autor realiza tal intento ao edificar uma arte que pudesse ser consumida por grande parte da população devido ao seu caráter coletivo, requerente de uma leitura apressada por meio de imagens contemplativas que alcançassem os mais variados leitores Brasil afora. Em contrapartida, no “Marabá” de Dias (1851), não há a preocupação de produzir uma literatura engajada de modo social e antropófago, conservando apenas a forma literária romântica indianista com o subjetivismo literário que preserva a idealização do índio em seu tema (DIAS, 1851, p. 52):

E as doces palavras que eu tinha cá dentro  
A quem nas direi?  
O ramo d'acácia na frente de um homem  
Jamais cingirei:

Jamais um guerreiro da minha arazóia  
Me desprenderá:  
Eu vivo sozinha, chorando mesquinha,  
Que sou Marabá!  
(DIAS, 1851, p. 52).

Como pode ser percebido na atualidade, ao contrário de autores românticos, a exemplo de Dias em “Marabá” (1851), a antropofagia é parte constituinte da obra lobatiana, pois o autor, ao estabelecer um diálogo entre a sua obra e o que existia de mais moderno socialmente na época, percebia a necessidade de digerir, no interior do corpo literário, a pluralidade de elementos, tanto da nossa cultura, como a do estrangeiro. Ao

construir um texto e transformá-lo em uma mescla do cinema com a literatura, o autor demonstra a necessidade de se realizar uma fusão cultural, pois percebe que ambos não se excluía. Ao contrário, eles se complementavam dentro da forma literária.

Outra forma de perceber a antropofagia cultural é no personagem Ipojuca, o guerreiro da tribo no conto de Lobato, que se apaixona por Marabá e que a aceita. O evento é desenvolvido na narrativa como forma de demonstrar que, para o escritor, a miscigenação étnica e o caráter antropofágico, próprios à personagem, uma vez que ela se mostra como símbolo da pluralidade de raças e de culturas que o brasileiro carrega em si, podem e devem ser exploradas pelos autores do nosso país, justamente por permitir que novas formas de produção literária sejam realizadas.

Isso posto, é perceptível que elementos da modernidade são recursos fundamentais para a constituição de “Marabá” ([1923] 2014). O autor, vale mencionar, é considerado um dos marcos do período que antecede ao modernismo em nosso país, principalmente por possuir uma visão totalizante e empregar a linguagem coloquial. Tais escolhas darão ensejo à inserção e ao surgimento de autores como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, entre tantos outros escritores modernistas. Por apresentar esse caráter antropofágico, sua obra dialoga, em certa medida, com a perspectiva de Oswald de Andrade, p. 9), que, no *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* (1970, p. 329-330), expressa a mesma preocupação ao constatar que não deveria haver “nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres”. Essa visão permitia aos escritores uma maior liberdade em sua forma e tema, já que ocasionava a percepção da necessidade de atualização do fazer literário.

À vista disso, Andrade carrega em seu poema “Oferta” (1970) o pensamento antropofágico presente em “Marabá” ([1923] 2014), de Lobato, ao perceber a necessidade de reforma na produção literária brasileira. Também seu título, “Oferta” surge como uma metáfora na qual o modernismo literário seria o elemento responsável por oferecer uma nova forma de olhar o mundo. Dessa forma, tem-se que a modernidade social necessita de um novo olhar sobre as coisas, do que decorre o seguinte excerto de Lobato ([1923] 2014, p. 525) em “Marabá”: “sejamos da época. A época é apressada, automobilística, aviatória, cinematográfica”, e não mais estagnada em uma literatura que não tenha como principal preocupação a sociedade que a circunda.

Ao estruturar o poema com os recursos estilísticos e sintáticos que o faz, Andrade (1970) oferece a possibilidade de duas leituras. A primeira corresponde ao transporte de um elevador, o que faz alusão à chegada dos tempos modernos, da renovação na qual todos estamos submetidos. Na leitura seguinte, o mesmo elevador transportaria ao leitor o amor do qual o eu lírico trata. Esse amor pode ser mais uma vez concebido sob o viés moderno, visto que a antropofagia e a assimilação cultural, social e artística possibilitam o

amor seguindo outra perspectiva que não apenas sua forma idealizada e romântica.

A recorrência a elementos dessa modernidade converge nas duas obras, pois os autores trazem as novas tecnologias sociais para o interior do texto. Em “Marabá” ([1923] 2014), teremos o cinema, a aviação, a automobilística, enquanto em “Oferta” (1970), o elevador representa a peça-chave para a associação crítica entre as invenções da modernidade e a criação poética modernista.

## **2. Lima Barreto e a essência modernizante do conto “Um Especialista”**

Extremamente satírico e denunciativo, Lima Barreto foi um dos autores que mais percebiam a urgência de se produzir uma literatura engajada com seu público. Tendo integrado o grupo de artistas do período antecedente ao modernismo brasileiro, Barreto objetivou apresentar uma linguagem sem o equilíbrio classicista dos autores de seu tempo, os quais, segundo o autor, não deviam levar em conta apenas o olhar da crítica, mas se mostrar, principalmente, em favor das camadas sociais menos favorecidas, que em sua época não tinham contato com o texto literário, por questões políticas e socioeconômicas, e também não eram representadas e nem se percebiam nas obras que eram produzidas.

Nesse sentido, em “O destino da literatura” ([1921] 2017), ensaio de sua autoria, Barreto defende que o bom escritor entende que a beleza de uma obra está intimamente ligada à proximidade estabelecida com a sociedade, porquanto alcança a realidade social no corpo literário, percebe que não deve se deter apenas nas convenções estilísticas de sua época. Sob esse viés, se filia nas convicções artísticas de Liev Tolstói, principalmente no que o autor reflete em seu livro *O que é arte?* ([1897] 2016), ao acreditar que a boa arte é aquela que se mostra comprometida, pois expõe características históricas e culturais de uma determinada sociedade.

A partir da função crítico-social de sua literatura e da produção de diversas sátiras impiedosas aos representantes do Estado, tidos como responsáveis pela miséria social e os problemas da época, Barreto se coloca a favor das classes sociais norteadas para um caminho novo, e que agora possuíam voz em suas obras, mostrando-se agentes da mudança na sociedade. Dessa forma, no conto “Um Especialista” (2010), o escritor, como em muitas de suas obras, apresenta um recorte da elite carioca, retratando membros de altos cargos como seus personagens principais e denunciando, de forma demasiado satírica, a corrupção, a hipocrisia, a devassidão e as insalubridades que fazem parte de suas rotinas.

Assim como transparece no “Prefácio a Histórias e Sonhos” (1920), o autor percebia que era dever de todo escritor fazer com que sua literatura não se distanciasse do público, e aplicava tais noções à realização de suas obras, se mantendo atual em relação às outras

por apresentar uma linguagem clara e objetiva (BARRETO, 1920, p. 10):

Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros, e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens (BARRETO, 1920, p. 10).

Nesse sentido, a linguagem empregada em “Um Especialista” (2010) é carregada de coloquialismos, expressões orais e neologismos. Ou seja, de tudo aquilo que outrora fora considerado “impróprio” dentro do texto literário e estigmatizado por grupos de intelectuais que visavam a perpetuar, no universo literário, a segregação social vivenciada pelas classes marginalizadas, também denominadas como tal porquanto não liam os mesmos livros que a elite.

Dessa forma, Barreto, por vezes, causa um prejuízo da forma ficcional em favor do entendimento completo de seu público, pois seu objetivo é apresentar de maneira clara, para todos que o leem, as críticas destinadas a alguns “costumes” perpetuados pela alta sociedade, de tal modo que denuncia a corrupção, a miséria social, o racismo e a estigmatização dos corpos negros através de uma literatura despreendida de sua forma e dotada de uma linguagem antiacadêmica com traços de oralidade e coloquialidade. À vista disso, o autor reafirmava a sua insatisfação com aquilo que escrevia, sendo perceptível a sensação de inconformidade. Tal manifestação pode ser identificada nos adjetivos empregados para apresentar os homens dessa elite carioca (BARRETO, 2010, p. 75):

O comendador falara com um ardor desusado nele; acalorara-se e se entusiasmara deveras, a ponto de haver na sua fisionomia estranhas mutações. Por todo ele havia aspecto de um suíno, cheio de lascívia, inebriado de gozo. Os olhos arredondaram-se e diminuíram; os lábios se haviam apertado fortemente e impelidos pra diante se juntavam ao jeito de um focinho; o rosto destilava gordura; e, ajudado isto pelo seu físico, tudo nele era de um colossal suíno (BARRETO, 2010, p. 75).

O personagem do comendador é descrito de modo a demonstrar que sua fisionomia foi se transformando à medida que sua fala hiperssexualizava Alice, ao retratá-la como “a mulata [...], é a canela, é o cravo, é a pimenta; é, enfim, a especiaria de requieime acre e capitoso que nós, os portugueses, desde Vasco da Gama, andamos a buscar, a procurar” (BARRETO, 2010, p. 73). Esse evento explicita que Barreto (2010) concebe essa atitude como algo extremamente repugnante, visto que o comendador hiperssexualizava o corpo da mulher por seus traços fartos e miscigenados, tendo-a como

um objeto para seus desejos.

Nesse sentido, o conto apresenta todo o ideal de modernidade que o autor procura imprimir em sua literatura, e a antropofagia cultural e social desenvolvida mais tarde por Andrade. Em seu “Manifesto Antropófago”, Andrade também dialoga e se mostra presente na construção de um universo ficcional, pois a obra, ao trazer personagens de todas as etnias, se mostra como reflexo da pluralidade de raças evidenciadas em nossa sociedade e apresenta uma linguagem mais próxima do social, descompromissada, dado que, como já foi visto, tem como influência os escritos de Tolstói, no livro *O que é arte?* ([1897] 2016).

O olhar urbano de Barreto potencializa sua literatura, à proporção que a linguagem antiparnasiana da composição demonstra que suas produções literárias possuem uma função, seja ela de educar, informar, criticar e evidenciar, de maneira que a sociedade precisa modificar-se para vivenciar a modernidade de seu tempo. Assim, afirma o autor (BARRETO, 1920, p. 11):

Não desejamos mais uma literatura contemplativa, o que raramente ela foi; não é mais uma literatura plástica que queremos, a encontrar beleza em deuses para sempre mortos, manequins atualmente, pois a alma que os animava já se evoluiu com a morte dos que os adoravam (BARRETO, 1920, p. 11).

Ao destinar essa crítica a todas as estéticas, escolas e aos modos existentes até o seu tempo, Barreto visou a mostrar que a necessidade de contemplar uma nova literatura se fazia presente não apenas em seu peito, como também em todos os que foram marginalizados e escanteados pelo cânone dos intelectuais de até então. Sua antropofagia é marcada pela assimilação cultural e social, denotando o racismo, o sexismo e a política, questões que não estavam sendo discutidas naquele período, pois eram vistas como assuntos marginais. Assim, “Um Especialista” (2010) é marcado pelo tom denunciativo, satírico e caricaturado que busca não apenas incomodar, como também dar voz a uma crítica à modernidade.

### **3. Conclusão**

Somos modernos quando reconhecemos o nosso tempo, quando vemos o presente e buscamos discutir os problemas que o permeiam, quando escrevemos o hoje e o acompanhamos, porque o reconhecemos no amanhã e não apenas no outrora.

Lobato pensou em seu cotidiano, buscou a expansão de vendas dos seus exemplares e, com isso, ensinou aos leitores que o real é inapreensível, que a imagem brasileira dialoga com várias culturas e que a relação com o leitor é tão importante quanto

*desidealizar* o caráter agrário e o cenário do mato. Isso porque quem o lê torna-se um pêndulo entre o ambiente e as imagens que produzem, uma dentre tantas possibilidades do real. De igual maneira, Andrade causa uma verdadeira revolução no cenário literário. Com seus manifestos, revela a plenos pulmões que os leitores não querem apenas ser influenciados, mas também influenciar, uma vez que são o produto de uma deglutição de várias essências que se assimilam, produzindo o novo e acordando para o moderno.

Barreto, por sua vez, não se importa com a forma artística. Ele potencializa sua voz, critica a modernidade e aponta todos os problemas sociais e culturais pelos quais tantos outros não se interessavam. Nesse sentido, o escritor sugere não somente uma função à literatura, mas prova, conforme declarava, que, ao nascer, foi exposto à crítica fácil de toda a sociedade. Quem assim é apresentado à vida e está disposto a viver, defende Barreto (1920), se dispõe a não se incomodar com a crítica, mas a usá-la. E foi o que todos esses autores fizeram. Afinal, usaram da crítica para dar voz a um novo tempo, deixando para trás todos os que se prenderam à “Marabá” (1851) de Gonçalves Dias e ao fascínio da Grécia. Tal conjuntura permitiu o surgimento de uma gama de novos autores no período modernista brasileiro, visto que seus adeptos tomaram como base os referidos trabalhos e as vanguardas europeias para a construção de uma identidade brasileira representativa em suas formas e temas.

## Referências

ALENCAR, José de. *O guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, [1857] 1996.

ANDRADE, Oswald de. *Obras completas: do pau-brasil à antropofagia e às utopias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970. v. 147.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Histórias e sonhos: contos*. Rio de Janeiro: Gian Lorenzo Schettino, 1920.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. O destino da literatura. In: CORRÊA, Felipe Botelho. *Crônicas da bruzundanga: A literatura militante de lima barreto*. [S. l.]: E-galáxia, [1921] 2017. p. 189-208.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000. 2 v.

DIAS, Gonçalves. *Últimos cantos: poesias*. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1851.

LOBATO, Monteiro. *Contos completos Monteiro Lobato*. São Paulo: Biblioteca Azul, [1923] 2014.

TOLSTÓI, Leon. *O que é arte?: a polêmica visão do autor de Guerra e Paz*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1897] 2016.